

A PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA COVID-19: o que dizem as professoras¹

LITERACY PRACTICE IN THE COVID-19 PANDEMIC: what teachers say

Keslen Mateus Bento de Sousa¹

RESUMO: Este artigo aborda os desafios e as práticas pedagógicas de alfabetização adotadas por professoras durante a pandemia COVID-19 na educação básica e se foi possível alfabetizar nesse período. A pesquisa está embasada teoricamente em Magda Soares e Maria Rosário Longo Mortatti. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de entrevista, aplicadas a duas professoras no primeiro semestre de 2022, sendo que uma professora atuou em uma escola municipal, e a outra em uma escola estadual, no ano de 2020. Os resultados mostram que é possível alfabetizar desde que tenha o envolvimento da família.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento. Práticas pedagógicas. Pandemia.

ABSTRACT²: This article addresses the challenges and pedagogical practices of literacy adopted by female teachers during the COVID-19 pandemic in primary education and whether it was possible to achieve literacy in this period. The research is theoretically based on Magda Soares and Maria Rosário Longo Mortatti. Methodologically, this is a qualitative research, developed through interviews, applied to two teachers in the first semester of 2022, one of whom worked in a public school, and the other in a state school,

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PANDEMIA DA COVID 19** sob a orientação da Profa. Dra. Ivone Jesus Alexandre, Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, 2023/1.

² Resumo traduzido para língua inglesa por Joelinton Fernando de Freitas. Graduado em Letras português e inglês pela Unemat/Sinop e Mestre em Letras pela mesma instituição.

E-mail: joelinton.freitas@unemat.br.

in the year 2020. The results show that it is possible to teach literacy as long as the family is involved.

Keywords: Literacy. Pedagogical Practices. Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

O ensino da escrita e da leitura tem passado por várias mudanças ao longo da história da educação. Com a universalização da escola, saber ler e escrever passou a ser fundamental. O sujeito constrói conhecimentos a partir da alfabetização, que possibilita a sua inserção na cultura letrada.

O interesse pelo objeto dessa pesquisa vem do desejo de saber como ocorre a aquisição da escrita e leitura, e quais metodologias são adotadas para que esse processo seja eficiente.

A pesquisa teve como objetivo geral compreender as práticas pedagógicas de alfabetização dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública de Sinop, Mato Grosso, considerando as práticas sociais no contexto da pandemia Covid-19.

Nessa pesquisa a coleta de dados ocorreu através de entrevistas semiestruturadas, realizadas em uma escola de Educação Básica, na cidade de Sinop-MT. Foram entrevistadas duas professoras, uma atuante na rede municipal, e a outra na rede estadual, do município de Sinop-MT, a coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2022.

A seguir, será apresentada a discussão teórica, a metodologia, os resultados e conclusão da pesquisa.

2 ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA COVID-19

A alfabetização é parte primordial no desenvolvimento infantil, através dela o sujeito da entrada em um novo mundo: da cultura letrada, cercado de desafios o processo de leitura e escrita é acompanhando por mudanças. “O conceito de alfabetização refere-se também ao **processo de aquisição** das primeiras letras e, como tal, envolve sequências de operações cognitivas, estratégias, modos de fazer” (KLEIMAN, 2005, p.13, grifos da autora).

Nesse campo uma autora que se destaca é a professora Magda Soares que defende a importância da alfabetização escolar. Dessa forma a ação pedagógica intencional deve promover que o aluno possa se apropriar da escrita e da leitura. Nesse caso Soares (2020, p. 27) define “alfabetização como processo de apropriação da tecnologia da escrita, isto é, do conjunto de técnicas, procedimentos, habilidades necessárias para a prática de leitura e escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas”.

A alfabetização sempre foi tema de diversas discussões, o fato de existirem diversos métodos conhecidos leva a muitas dúvidas sobre qual é o melhor, há de se considerar que não existe certo ou

errado nessa questão, é necessário analisar o contexto dos aprendizes e adequar a realidade visto que aprender a língua escrita sofre diversas influências como fatores sociais, culturais entre outros.

Mortatti (2006), divide a história dos métodos em quatro momentos: metodização do ensino da leitura, a partir dos métodos de marcha sintética, da soletração, do fônico, da silabação. Já no segundo momento, surge o método analítico que adaptou o ensino da leitura. O terceiro momento é quando começam a ser utilizados os métodos mistos, que sugerem ensinar segundo a capacidade da criança. E, o quarto momento da alfabetização é o construtivismo, baseado na psicogênese da língua escrita.

E apesar de existirem vários métodos para se alfabetizar, a dificuldade em se alfabetizar permanece, independentemente do método.

O ano de 2020, iniciou-se com uma pandemia mundial, o novo Coronavírus (SARSCOV 19). Esse fenômeno já pode ser considerado um marco na história, e na educação seus efeitos podem perdurar por anos. Considerando as medidas sanitárias no combate ao Covid-19 e a necessidade de não interromper a aprendizagem em função do isolamento social, no Brasil foram adotadas algumas estratégias para se ter o mínimo de continuação do ensino: apostilas, aulas virtuais, entre outros.

2.1 Desafios de alfabetizar na pandemia Covid-19

Em uma realidade normal a prática de alfabetizar já encontra diversas dificuldades, e mesmo antes da pandemia já era bastante discutido sobre o fracasso por assim dizer nessa etapa de alfabetização. Os motivos são variados a maioria recai na escolha dos métodos para se alfabetizar. O momento de ensinar e aprender a leitura e a escrita nos anos iniciais é apresentado como um momento essencial para o desenvolvimento da criança.

Durante a pandemia da Covid-19, as dificuldades aumentaram, com o fechamento das escolas por medidas sanitárias, um novo modelo de ensino de caráter emergencial foi instaurado para que as atividades do ano letivo fossem cumpridas. Esse modelo de ensino não pode ser chamado de EAD pois:

A Educação a Distância é a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. Esta definição está presente no Decreto 5.622, de 19.12.2005 (que revoga o Decreto 2.494/98), que regulamenta o Art. 80 da Lei 9.394/96 (LDB). (BRASIL, 2005).

No caso do ensino emergencial, a falta de preparo dos professores, de recursos da escola, de uma proposta didática estabelecida para o cumprimento das atividades escolares, dificuldade em utilizar as tecnologias para a gravação de aula, o acesso a rede de internet. Dessa forma os problemas encontrados como infraestrutura, material de apoio, preparação dos professores, a falta de uma rotina

de estudos tanto para os professores quanto para os alunos fez com que esse momento se tornasse ainda mais caótico.

O desafio de lidar com as famílias foi outro fator que trouxe grandes dificuldades, as famílias se depararam com a obrigação de separar um tempo para auxiliar seus filhos na realização das atividades.

Transformar o ensino presencial em remoto requer formação dos profissionais envolvidos mesmo que de maneira emergencial.

3 METODOLOGIA

Essa pesquisa se desenvolveu a partir de uma abordagem qualitativa, pois segundo Triviños a: [...] “pesquisa qualitativa de tipo histórico-estrutural, dialética parte também da descrição que intenta captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência”. (TRIVIÑOS, 1987, p.129).

As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram organizadas através de entrevistas semiestruturadas pois de acordo com Triviños (1987, p.146), a entrevista semiestruturada permite que “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”.

A pesquisa foi realizada com duas professoras que atuaram com turmas de 1º ano do ensino fundamental no ano de 2020, uma atuante na rede municipal, e a outra na rede estadual, do município de Sinop-MT. As professoras entrevistadas são formadas em pedagogia, com cursos de especialização em Educação Infantil, Alfabetização, Alfabetização e Letramento, Neuropsicologia, Dificuldade de Aprendizagem, Educação Inclusiva. Nota-se que ambas além de possuírem especializações também atuaram antes da pandemia com turmas de alfabetização.

As entrevistas foram realizadas presencialmente no primeiro semestre de 2022, os dados foram gravados para serem transcritos posteriormente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2020, as escolas adotaram o ensino emergencial em virtude da pandemia da Covid-19, ou seja, as aulas presenciais foram suspensas e as aulas passaram a ser remotas.

A seguir, são apresentados alguns aspectos a serem considerados nessa discussão acerca das práticas de alfabetização e os desafios da alfabetização na pandemia, a partir das entrevistas realizadas.

a) Quais foram os desafios de alfabetizar na pandemia?

(01) **Professora D:** Fechamento das escolas, novos sistemas de ensino, readaptações em geral, métodos novos, porém em experimentos, falta de recurso na escola, falta de internet de qualidade ou aparelho adequado para o acesso e as aplicações das aulas.

(02) **Professora F:** Acho que o maior desafio foi lidar com as famílias, porque com os alunos era tranquilo mesmo que eram aulas online e depois vinham uma vez na semana buscar atividades na escola, a criança ela é orientada. O difícil é você convencer o responsável dela a querer fazer uma orientação, a querer ajudar você, porque muitos partiram do princípio de “eu não tenho tempo”, “isso é com a escola”, “que se vire”, e não entendem que é uma junção da família com a escola, a escola não consegue fazer nada sozinha, tanto que os nossos alunos que mais se alfabetizam, assim, rápido, que se destacam, são os alunos que a família é presente, participativa.

Das muitas dificuldades enfrentadas nesse período de pandemia, sem dúvida o fechamento das escolas trouxe grandes prejuízos à educação, pois a escola é considerada um local de aprendizagem e socialização. O ambiente alfabetizador diz muito sobre como ela aprende, a sala de aula serve para despertar os sentidos do aluno, é intencional que a sala de aula tenha vários materiais, letras, o alfabeto, livros e revistas para que o aluno, por meio desse contato, relacione letras e sons. Com o fechamento das escolas e as atividades sendo feitas em casa, muito desse contato foi perdido.

b) Quais as práticas pedagógicas podem alcançar o objetivo de alfabetizar?

(03) **Professora D:** O planejamento é fundamental, as práticas estavam bem flexíveis[...], o que estava mais a mão como contos infantis ou textos curtos para produção.

(04) **Professora F:** Durante a pandemia, eu tive que buscar um novo método. Eu comecei a trabalhar o método fônico, então eu pesquisei muito [...] com base nas onomatopeias, então devido a pandemia [...], no início do ano foram aulas online [...], comecei a fazer vídeos dentro desse método, que é estudar a unidade, que é o fonema e o grafema [...].

A consciência fonológica é desenvolvida de forma gradual antes mesmo da etapa alfabética: “na fase infantil, tem-se que, antes que possam ter qualquer compreensão do princípio alfabético, as crianças devem entender que aqueles sons associados às letras são precisamente os mesmos sons da fala” (MEDEIROS; OLIVEIRA, 2008, p. 45).

c) É possível alfabetizar através das aulas remotas? Quais ações mostraram resultados satisfatório?

(05) **Professora D:** Foram as apostilas, os materiais das onomatopeias, [...] são através dos sons da boca, sons das palmas, muitas vezes o som de um objeto, o latido do cachorro, então diversos fatores dentro da onomatopeia ajudou muito [...] nós ultrapassamos todos os nossos limites, todas as nossas capacidades de planejar de agir, de criar, principalmente criação, os vídeos eram bem caseiros mesmo porque a gente não tinha muita experiência e foi assim, buscando um pouquinho de cada lugar, e a gente foi se encontrando.

(06) **Professora F:** Através das aulas remotas, pra você alfabetizar, você tem que contar com o outro lado, você tem que contar 100% com o auxílio da família [...]. Tem mães que estudavam comigo o método [...], o das onomatopeias [...]. Quando os alunos voltaram no presencial, eles sabiam, eu fiquei impressionada. Eles sabiam os sonzinhos do alfabeto porque as mães ou os pais ou as avós, muitas vezes eram as avós, se esforçaram e tentaram com eles. Então, é possível, se a família colaborar com a gente e se a família tiver uma instrução suficiente para conseguir ajudar, porque as vezes ela não contribui porque ela não compreende aquilo. Nós ainda temos famílias com filhos que moram com as avós que não são alfabetizadas, então o aluno sozinho não, mas com a participação da família consegue, desde que a criança não tenha nenhuma dificuldade de aprendizagem, desde que ela esteja apta emocionalmente, fisicamente, ao aprendizado, não tenha nenhuma dificuldade de aprendizagem ou alguma limitação, algum déficit de atenção [...].

Nesse sentido, como esperado, o novo formato causou estranhamento às famílias, de certa forma compreensível dada a natureza do processo alfabetizador. Para o professor, esse é um desafio: fazer com que seus alunos aprendam a ler e escrever e fazer uso do sistema de escrita e leitura em atividades de cunho social.

d) Seus alunos foram alfabetizados durante a pandemia?

(07) **Professora D:** Olha, foi uma fase muito difícil, e muito... com muito comprometimento [...]. Em um ano normal, sem a pandemia, a gente percebia que o desenvolvimento foi bem melhor [...]. Tivemos muita dificuldade, muitas vezes o aluno que tinha muita comorbidade [...] não poderia vir nem buscar o material [...]. Quando teve o ensino no formato híbrido, muitas crianças não poderiam vir ainda na escola, por mais que fosse uma organização escalonada [...]. No final, quando a gente fez as nossas avaliações, eu fiquei feliz pelo meu resultado [...], porque a gente se dedicou, a gente estava ali [...], e mesmo esse aluno que não poderia vir, a gente estava mandando material, mandar material impresso [...]. Então, a gente teve esse *feedback* dessa aprendizagem. Pra mim, teve um resultado significativo.

(08) **Professora F:** Foram.

Das muitas dificuldades enfrentadas nesse período de pandemia sem dúvidas o fechamento das escolas trouxe grandes prejuízos a educação. Apesar do contexto das aulas remotas, de acordo com as professoras é possível alfabetizar se a família e escola/professor estiverem trabalhando de forma conjunta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar a prática pedagógica de alfabetização na pandemia sob o olhar das professoras, com o objetivo de verificar quais práticas foram adotadas pelas mesmas e se foi possível alfabetizar nesse período.

Apesar das dificuldades como falta de recursos como internet, computador, celular para gravação de vídeos, tanto para as professoras quanto para os alunos, verificou-se que, segundo as professoras, é possível alfabetizar com as aulas remotas.

Foi possível observar também que através de textos curtos, utilizando o método fônico e as onomatopeias as professoras conseguiram alfabetizar seus alunos, ressaltando aqui que é possível alfabetizar desde que o aluno não possua dificuldades de aprendizagem e com o apoio da família é possível sim alfabetizar através do ensino remoto.

Os resultados mostraram que as professoras conseguiram alfabetizar seus alunos mesmo com as dificuldades e limitações impostas pelo protocolo sanitário adotado na pandemia. Durante os dois anos de pandemia várias dificuldades foram encontradas para manter o mínimo de continuidade das aulas, sem que tivessem grandes prejuízos aos estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto Nº 5.622, de 19 de Dezembro de 2005. Vide Lei no 9.394, de 1996 Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, que **estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. <http://portal.mec.gov.br/instituicoes-credenciadas/educacao-superior-a-distancia>. Acesso em 12 abr. 2023.

KLEIMAN, A. **Preciso “ensinar?” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo: Unicamp, 2005.

MORTATTI, M. R. L., **História Dos Métodos De Alfabetização No Brasil**. Brasília, publicado em 27/04/2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf Acesso em 24 mai. 2023.

MEDEIROS, T. G. DE ; OLIVEIRA, E. R. C.. A influência da consciência fonológica em crianças alfabetizadas pelos métodos fônico e silábico. **Revista CEFAC**, v. 10, n.1, p. 45-50. jan. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462008000100007> .Acesso em 14 mar. 2023.

SOARES, M. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e escrever. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

Recebido em: 8 de junho de 2023.

Aprovado em: 7 de julho de 2023.

Link/DOI: <https://doi.org/10.30681/reps.v14i2.11455>

ⁱ Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) Sinop, Mato Grosso, Brasil

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2359962181486394>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0213-194X>

E-mail: keslen.mateus@unemat.br